

SABERES DE MULHERES “COM POUCO ESTUDO”: UM OLHAR ETNOMATEMÁTICO

LETIANE OLIVEIRA DA FONSECA¹; MÁRCIA SOUSA DA FONSECA³.

¹Universidade Federal de Pelotas – letianefonseca@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – mszfonseca@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa compreender a cultura das mulheres que decidem parar de estudar, com uma análise de seus jogos de linguagem, numa abordagem etnomatemática. A problemática é desmistificar os discursos que abordam que o estudar, e o prosseguir nos estudos dentro de uma escola, são essenciais para a construção de um futuro melhor, e que é através dos estudos que se alcança a felicidade. A necessidade da pesquisa surgiu a partir da apresentação e discussão do documentário *Escolarizando o mundo – o último fardo do homem branco*, de CAROL BLACK (2011).

A pesquisa está sendo realizada na cidade de Pelotas, com moradores que residem na região conhecida como “Quadrado”, localizada no Bairro Porto. Estão sendo desenvolvidas investigações e reflexões com a contribuição de pensamentos filosóficos, no sentido de verificar como se forma a organização dos saberes matemáticos que as mulheres agregam em suas vivências e/ou seus trabalhos, frente às desmotivações ou motivações que levaram a desistir ou se afastarem dos estudos. Serão utilizados, como aporte teórico, estudos referentes a jogos de linguagem do filósofo Wittgenstein. De acordo com o filósofo, em investigações Filosóficas, não existe homogeneidade na linguagem, sendo assim o significado de uma palavra é dado a partir do uso que fazemos dela em contextos distintos, não existindo um significado e sim diversos. WITTGENSTEIN (1979) formula a noção de jogos de linguagem:

Chamarei também de “jogos de linguagem” o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada (I.F.7). Esses jogos de linguagem são múltiplos, estão aparentados uns com os outros de diversas e diferentes formas, e é devido a esse parentesco que são denominados jogos de linguagem (I.F.65-7).

Refletindo questões referentes à matemática escolar, no âmbito colegial, conhecemos os jogos de linguagem da matemática formal, com suas regras e sequências lógicas matemáticas, com isto realizando uma análise e estudo no processo linguístico utilizado nas aulas de matemática adotada por alguns professores, é possível notar que ela se distancia dos alunos, e não fazem parte das suas diferentes formas de vida, e de seus dialetos locais, por consequência, posso destacar o fracasso no entendimento de alguns conteúdos, além disto, é comum mencionar que a matemática está presente em tudo, e isto se torna um senso comum, sem analisar os diferentes tipos de matemáticas existentes, os saberes, as formas de pensar, que já não fazem parte do ambiente escolar e que utilizam a matemática em suas vidas, em suas formas de pensar, em seus jogos.

Os jogos de linguagem estão diretamente relacionados com as formas de vida, e encontra sustentação no contexto de vida, MAURO LÚCIO LEITÃO CONDÉ

(1998), em seu livro “Wittgenstein Linguagem e mundo”, destaca na pág.101, os parágrafos 19 e 23 das investigações. “E representar uma linguagem significa representar- se uma forma de vida (I.F.19). O termo “jogo de linguagem” deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida (I.F.23)”.

Com efeito, as investigações interditam a possibilidade de uma linguagem universal, enfatizando ao contrário, a dimensão particular dos jogos de linguagem. Sobre diferentes jogos VILELA (2013) afirma “Na matemática da rua, as regras são outras, e a matemática escolar prioriza outros modos de jogar com conceitos matemáticos, com as devidas semelhanças de família. (p. 195)”.

Neste trabalho analisam-se as formas de vida de algumas mulheres, sua cultura, seus jogos de linguagem, a formação de suas identidades sociais frente à desistência escolar buscando perceber como abordam os conhecimentos matemáticos em suas vivências. D’AMBROSIO (1990), afirma:

[...] etnomatemática é matemática praticada dentro de um grupo cultural identificável, tal como sociedades nacionais tribais, grupos de trabalho, categorias de crianças de uma certa faixa etária, classes profissionais, classes trabalhadoras, etc. (p. 18).

O grupo cultural escolhido para a pesquisa foi o de mulheres, moradoras de ocupações da periferia, que não frequentam mais a escola. Será utilizada a etnomatemática como abordagem para compreender a matemática desta determinada cultura, com seus jogos de linguagem.

2. METODOLOGIA

A pesquisa, de cunho qualitativo, esta sendo desenvolvida através de entrevistas, com gravação de áudio. Conversas e observações, distribuídas em quatro momentos.

O primeiro momento foi Conhecer a comunidade, a região a ser pesquisada, para verificar se há projetos, associações no bairro onde os moradores estão inseridos, algum grupo comunitário, cooperativa etc. O segundo foi solicitar a permissão para a realização das entrevistas, fazendo um levantamento de gêneros, classes sociais, idade, quantidade de participantes e posteriormente agendando visitas nas residências, onde foram realizados encontros com os participantes.

O terceiro momento consistiu em realizar entrevistas com questões relacionadas à local de moradia, formas de vida, estudos, aproximação entre a escolar e a vida, relação entre a matemática escolar e as matemáticas de suas vidas. Estes questionamentos foram abertos e outras indagações surgiram ao longo das entrevistas. E por ultimo, a verificação da coleta de dados, análise dos resultados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao conhecer a região pesquisada verificou-se que não existe uma associação de moradores, não existem projetos e nenhuma cooperativa que envolva os moradores, o local é uma região próxima ao canal São Gonçalo, e as famílias

residem em instalações precárias. Suas casas não são localizadas em ruas definidas, mas em um aglomerado com estreitas vias de passagem. Os moradores se instalaram nesse local devido à necessidade de moradia.

A pesquisa se encontra em andamento, mas foram realizadas algumas entrevistas com mulheres que residem com suas famílias no local. A seguir o relato de uma das entrevistadas:

A minha vivência escolar foi na cidade de Pedro Osório até a 5ª série, a escola me ajudou a escrever meu nome isso foi uma grande coisa, tem gente que não sabe escrevê, tem uma baita de uma dificuldade né, e lê, assim também que a gente tá num lugar e tem as pessoas que não sabe ler, eu já convivo com gente assim né, e aí fica com vergonha de perguntar o que tá escrito ali né, eu gostaria de voltar a estudar, mas minha vida já é mais difícil, não trabalho sou só do lar, mãe solteira, é importante os estudos pra arrumar um serviço, umas condições de vida melhor, me sinto bem onde moro é seguro, a matemática quando eu estudava era boa, agora é mais avançada, eu uso a matemática no meu dia a dia que faço artesanato com feltro, dependo da matemática para poder contar, qualquer material, faço várias contas para comprar a linha quanto gasto no material, o tempo que eu perco fazendo né? Pra fazê, os cortes, como esse cachorro eu corto a pet e boto brita dentro, vendo por 15 reais, os desenhos faço nessa folha de ofício a coruja peguei a pet e fiz os olhinhos com a tampa coloquei a parte de baixo da garrafa e fiz a volta maior, mas não fechei aqui é meio torto né, as orelhas mas vou criando...

Figuras



Nesta fala, parte da entrevista em andamento, é possível notar o jogo de linguagem utilizado pela moradora, quando se refere à matemática para contar material, fazer contas para comprar linha, contar tempo, contar gastos. A matemática relacionada ao tratamento com números, ou o que a sociedade prioriza como matemática.

A entrevistada menciona a maneira como faz o formato dos olhos da coruja, ela usa como modelo uma garrafa pet pequena, para isto, em nem um momento ela mencionou que estava fazendo círculos, tampouco mencionou a matemática quando do uso da proporcionalidade, nos lugares das garrafas recortados para confecção dos diferentes círculos utilizados. Observa-se também a perfeição no espaçamento dos pontos para costura dos olhos e fechamento da coruja.

É possível notar a matemática em outras formas de vida, sem jogos de linguagem escolares/abstratos, mas com uma realidade própria, com vida, com criação própria.

4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa busca valorizar a cultura das mulheres do Quadrado e mostra como a matemática está presente em suas diferentes formas de vida. Evidencia os saberes que algumas mulheres agregam em suas vidas com relação à matemática que conhecem, e como a utilizam no dia a dia, sem a necessidade de utilizar conceitos da matemática formal. Todas relataram que estão cientes da condição em que vivem e da importância em estudar, embora o estudo não faça parte mais de suas vidas.

As falas abaixo mostram a inserção da entrevistada no jogo de linguagem hegemônico, em relação à importância do estudo “... *tem as pessoas que não sabem ler, eu já convivo com gente assim né, e aí fica com vergonha de perguntar o que tá escrito ali...*” e ao significado de trabalho, “...*não trabalho, sou só do lar...*”. E enquanto fala, expõe sua arte!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLACK, Carol. **Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco**. Documentário, EUA, Índia, 2011. Acessado em 25 jun. 2016. Online. Disponível em: <http://schoolingtheworld.org/>

CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. **Wittgenstein: Linguagem e mundo**. São Paulo: Annablume, 1998.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer**. São Paulo: Ática, 1990.

VILELA, Denise Silva. **Usos e jogos de linguagem na matemática: Diálogo entre filosofia e educação matemática**. São Paulo: editora Livraria da Física, 2013.

WITTEGSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni, São Paulo: Abril Cultura, 1979. (Col. Os pensadores)